

## SIMPÓSIO AT012

### O PORTUGUÊS DAS REDES FORA DAS REDES E SUA INTERFERÊNCIA EM DIFERENTES GRUPOS DE FALA.

Thauany Ferreira Amaro  
Universidade do Estado de Mato-Grosso - UNEMAT  
thauany.f@gmail.com

**Resumo:** Este artigo aborda o recorte de uma pesquisa com foco na variação diageracional cujo o objetivo foi observar como ou se gírias do *Internetês* estão deixando de ser presentes apenas no ambiente virtual e sendo utilizadas em situações não-virtuais de comunicação por grupos de pessoas com idades distintas e, além disso, analisar qual a porcentagem de utilização de cada grupo constatando em qual grupo ocorre com maior frequência. O estudo foi executado no período de julho de 2017 até janeiro de 2018 na cidade de Sinop, interior do Mato Grosso, em que foram aplicados questionários a mais de 50 pessoas, mas, nesta amostragem, analisamos dados de 30 dos informantes – sendo metade homens e metade mulheres – com idades que variam de 15 anos até sujeitos acima de 50 anos. Para sua efetivação, partimos dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista para constatar que, comparado aos informantes acima de cinquenta anos, os mais jovens lideram de longe a importação de palavras e expressões que são comuns apenas às redes sociais e aplicativos à situações não-virtuais de interações comunicativas e as redes estão influenciando o vocabulário dessas pessoas.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista; variação diageracional; internetês.

**Abstract:** This paper discusses a part of research focusing on diagenational variation and its objective was observe how or if the *Internetês*' slangs is leaving to being only virtual environment and being used in non-virtual communication situation for groups of people of different ages and, besides that, analyze the percentage of use of each group finding which group occurs most frequently. The study was carried out from July 2017 until January 2018 in Sinop city, in the interior of Mato Grosso, where questionnaires were applied to more than 50 people, but in this sample, we analyzed data from 30 of the informants - being half men and half women- ranging in age from 15 to subjects over 50. For its effectiveness, we start from the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics to verify that, compared to informants over fifty years old, the younger ones lead by far the import of words and expressions that are common only to social networks and applications to non-virtual situations of communicative interactions and networks are influencing the vocabulary of these people.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics; diagenational variation; internetês.

## 1. INTRODUÇÃO

O surgimento da internet, no final do século XX, modificou o mundo de forma inegável em vários âmbitos da sociedade. Entre eles, a forma de comunicação entre os seres humanos. Parafraseando Fernanda Galli (2004), o desenvolvimento e o aumento dantesco do uso da internet acabaram por criar uma espécie de linguagem própria, específica das redes, gerando termos e palavras típicas das redes sociais, o qual é conhecido como *Internetês*.

A partir desse cenário, urgiu então, a necessidade de saber se gírias dessa linguagem característica de ambientes virtuais estariam ficando contidas dentro desses ambientes ou se estariam extrapolando as fronteiras virtuais e sendo aderidas, também, em situações não-virtuais de fala. Além de observar com que frequência este fenômeno ocorre entre os distintos grupos sociais de idades.

Neste pequeno artigo dissertaremos sobre os métodos e instrumentos utilizados para a pesquisa – que, cabe ressaltar, foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por meio de bolsa de iniciação científica – e apresentaremos os resultados obtidos com a análise de um recorte dos dados obtidos sob a ótica da Sociolinguística Variacionista focando no entendimento de como as gírias das redes são utilizadas pelos diferentes grupos geracionais.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO E FILIAÇÃO TEÓRICA

Como já citado, este trabalho ampara-se na sociolinguística que tem como pilar principal a variação e mudança linguística – sendo seu patrono mais reconhecido William Labov. Bagno (2007, p.38) coloca que o objetivo central da disciplina científica é “[...] relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social.”, uma vez que “língua e sociedade estão

indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”.

Ademais, cabe ressaltar que a Sociolinguística toma as variedades linguísticas como objeto de estudo, sem deixar de levar em consideração o contexto em que elas são produzidas, assim como todos os aspectos linguísticos imbricados nesse processo. Bagno (2007, p.47) chama a atenção sobre a importância da “variação que ocorre em todos os níveis da língua”, seja ela fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical ou estilístico-pragmática.

Sobre o conceito de variação, Marcos Bagno (2007, p.39) assevera que o conceito de variação é o de aceitar que uma língua apresenta variações em seu íntimo e isso significa que a mesma é heterogênea. Dessa forma, neste trabalho específico, a variável que vamos observar é a diageracional, que diz respeito às diferenças de vocabulário e léxico entre as gerações.

É relevante frizar que, para esta pesquisa, foi considerado, para além de definição conhecida de internetês como a posta por Fabiana Komesu e Luciani Tenani (2009, p. 624) que tem como características “[...] a prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras [...]”. Levamos em consideração o campo lexical e não apenas a grafia diferenciada das palavras utilizadas em ambientes virtuais.

Sendo assim, para além da escrita, o enfoque desse trabalho fica sobre o léxico diferenciado que compõe o repertório dos meios virtuais de comunicação e sobre como esse repertório está deixando de ser utilizado apenas no virtual e está popularizando-se, também, nas situações orais de fala pelos diferentes grupos de idade.

### 3. COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a coleta de dados, utilizamos um questionário impresso e um *on-line* com dezessete perguntas sobre os informantes e seus hábitos de comunicação via aplicativos ou redes sociais ligadas à internet. Com isso, mais de 30 pessoas responderam os questionários somando as respostas obtidas via *on-line* e pessoalmente no papel. Sendo que a maior parte das pessoas que preferiram responder o formulário *on-line* eram mais jovens e as mais velhas, optaram por responder o questionário impresso.

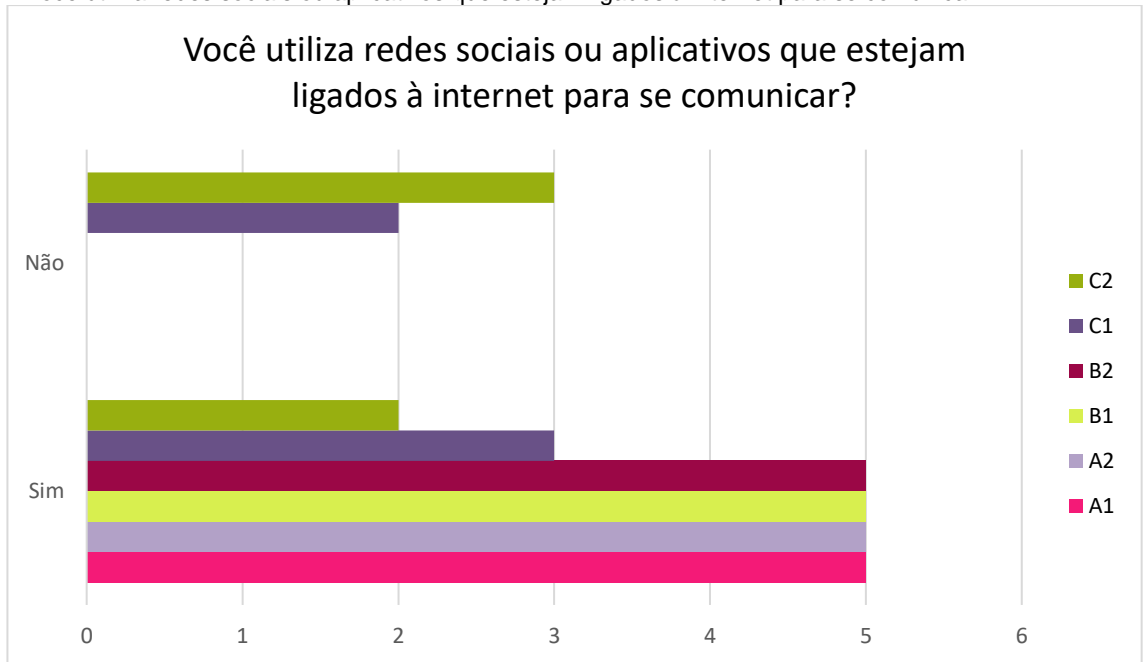
#### 3.1 Perfil dos informantes e análise dos dados

Uma das variáveis de extrema importância para a escolha dos informantes foi a variável idade, uma vez que diferentes grupos de idades poderiam demonstrar se havia ou não diferença na ocorrência de utilização do internetês em situações de fala concretos.

Dessa forma, dividimos os grupos e, daqui em diante, para nos referirmos aos grupos sociais dos informantes, o faremos da seguinte maneira: grupo A1 (5 mulheres entre 15 e 25 anos); grupo A2 (5 homens entre 15 e 25 anos); grupo B1 (5 mulheres entre 30 e 40 anos); grupo B2 (5 homens entre 30 e 40 anos); grupo C1 (5 mulheres com mais de 50 anos) e; grupo C2 (5 homens com mais de 50 anos).

Para as análises, colocaremos em forma de gráficos algumas respostas dadas pelos informantes acerca de contato com internet, hábitos de comunicação, frequência de uso de aplicativos ou semelhantes para a comunicação do dia a dia.

Gráfico 1: Você utiliza redes sociais ou aplicativos que estejam ligados à internet para se comunicar?

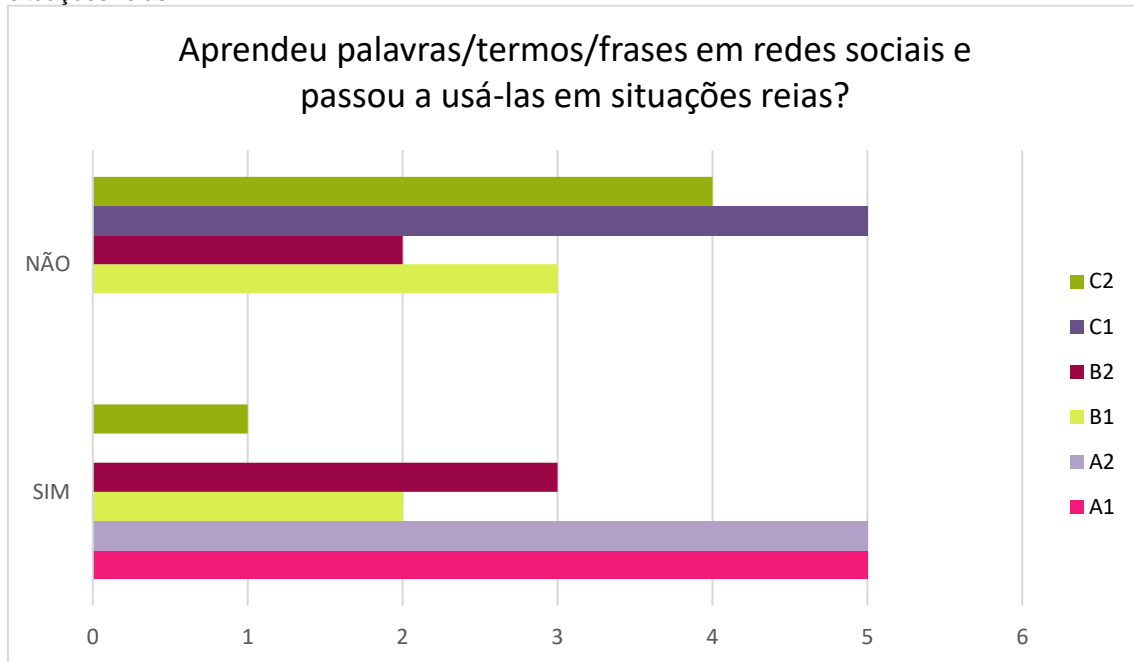


Como pode ser visto no gráfico 1, o único grupo que distoa dos demais no que se refere a utilização de aplicativos ou redes sociais para a comunicação, foi o grupo C1 e C2, o que não é necessariamente uma surpresa se levarmos em consideração que este grupo concentra pessoas acima dos 50 e, nem a internet, nem os aplicativos de mensagens os acompanham por muito tempo.

Vale acrescentar ainda que os demais informantes não apenas disseram que utilizam essa forma de comunicação, como assinalaram que fazem uso todos os dias.

No questionário continha uma pergunta que é importante para que nós compreendamos uma pouco mais as ocorrências. Perguntamos aos informantes: você já aprendeu alguma palavra/frase/termo nas redes sociais e começou a utilizar no dia a dia com amigos, família etc.?

Gráfico 2: Aprendeu palavras/termos/frases em redes sociais e passou a usá-las em situações reais?



É possível observar no gráfico 2 como a diferença entre os grupos começa a ficar maior. Nos grupos A1 e A2 todos os informantes disseram ter aprendido algumas palavras/termos/frases nas redes sociais e, posteriormente, terem-nas incorporado em seus vocabulários em conversas fora das redes. No grupo B1 apenas dois informantes também o fizeram, enquanto que, no grupo masculino, três dos cinco afirmaram já terem feito o mesmo. A diferença maior ocorre quando observamos que nos grupos C1 e C2 os resultados revelam que, dentre os dez que compõem essa categoria, apenas um informante concordou que faz uso de termos aprendidos nas redes sociais.

O que queremos elucidar neste ponto é que, se comparado aos informantes mais jovens do grupo A, esse grupo de pessoas acima de 50 anos, tem uma diferença de 90% na incorporação desse vocabulário típico da internet em suas situações de falas reais do dia a dia, mesmo em ambientes descontraídos como entre amigos e família.

Para os informantes que disseram sim à pergunta ilustrada no gráfico 2, pedimos que eles citassem exemplos de algumas palavras, termos e frases e obtivemos os seguintes exemplos de cada grupo:

- **Grupos A1 e A2:** *Nunca nem vi; crush; miga; migo; falsiane; crush; migs; se é loco cachorro; ranço; é doido é?; Oloco; nunca no Brasil.*
- **Grupos B1 e B2:** *Embuste; shippa; miga; falsiane; nunca nem vi; miga.*
- **Grupo C2:** *tooper.*

Ao analisarmos os exemplos citados pelos informantes, fica mais simples compreender o que dissemos lá no início do texto quando informamos que não se tratava de observar a ocorrência linguística do internetês enquanto grafia e sim no campo lexical de gírias. Algumas palavras são anglicismos como “crush”; ou são neologismos da língua inglesa como “shippa”; outras são palavras que não tem nenhuma grafia diferenciada como “embuste” e “ranço”, mas que extrapolaram seus conceitos originais e foram ressignificadas na web; mas há ainda as palavras que têm características de grafia como “miga”, “migo”, “migs”; para além das palavras, restam ainda as expressões que são feitas por frases como “nunca nem vi”, “se é loco cachorro”, “nunca no Brasil”, entre outros.

A questão é, essas gírias são comuns à comunidade linguística da internet e, não apenas a elas, mas também estão sendo incorporadas às falas cotidianas – de formas diferentes para cada grupo social. Essas gírias se popularizam por meio dos memes, vídeos e áudios que circulam nas redes e, uma vez que os usuários se identificam com elas, elas são incorporadas ao repertório verbal desses sujeitos e passa a ser utilizadas de maneiras não-virtuais.

#### 4. CONCLUSÃO

Com todas as etapas da pesquisa concluídas, os resultados que obtivemos foram os seguintes: no que diz respeito a utilização de palavras/termos/frases advindas dos ambientes virtuais, os entrevistados mais jovens (grupo A), tanto os homens quanto as mulheres confirmaram que utilizam no dia a dia termos que aprenderam nas redes.

Já os indivíduos com idade intermediária (grupo B) se mostraram com utilização média de palavras aprendidas nas redes apesar de utilizarem a internet para se comunicar com alta frequência.

Por fim, no grupo composto por sujeitos com mais de 50 anos (grupo C), apenas um, dentre os 10 entrevistados, disse que utiliza a internet com frequência e que aprendeu alguma palavra nas redes que utiliza no dia a dia. Ou seja, quanto mais jovem e com acesso a internet desde a infância, mais palavras/termos/frases o indivíduo aprende e acrescenta em seu vocabulário fora das redes.

#### REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola, 2007.

GALLI, F. C. S. . Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. dos S.. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro-RJ: Lucerna, 2004, v. , p. 120-134.

KOMESU, F.; TENANI, L. E. Considerações sobre o conceito de internetês nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão v. 9, n. 3, p. 621-643, dez. 2009. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-76322009000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322009000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 maio de 2019.